



Da barroca obnubilação brasílica à resignação cosmopolita na sociologia de Guerreiro Ramos

Gilberto Felisberto Vasconcellos¹

Resumo

Neste texto nos propomos a discutir a obra do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, em especial seu livro “Mito e Verdade da Revolução Brasileira”.

Palavras chave: Guerreiro Ramos, Pensamento brasileiro, Nacionalismo.

De la barroca obnubilación brasileña a la resignación cosmopolita en la sociología de Guerrero Ramos

Resumen

En este texto nos proponemos discutir la obra del sociólogo brasileño Alberto Guerrero Ramos, en especial su libro "Mito y Verdad de la Revolución Brasileña".

Palabras-clave: Guerreiro Ramos, Pensamiento brasileño, Nacionalismo.

From Baroque Brazilian obnubilation to cosmopolitan resignation in the sociology of Guerreiro Ramos

Summary

In this text we propose to discuss the work of the Brazilian sociologist Alberto Guerreiro Ramos, in particular his book "Myth and Truth of the Brazilian Revolution".

Key words: Guerreiro Ramos, Brazilian thought, Nationalism.

Somente agora me foi dada a oportunidade de ler o tão badalado livro tido por pioneiro de Guerreiro Ramos, publicado em 1963, quase às vésperas do golpe de 1964, Mito e Verdade da Revolução Brasileira, a cujo título perguntará o leitor se o mito aí não é sinônimo de falsidade ou ideologia, porquanto surge a curiosidade em saber se a revolução anti-capitalista estava prestes a ocorrer no limiar dos anos 60.

¹ Escritor e professor de Sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Guerreiro Ramos era conhecido por seu extraordinário livro (1958) sobre a redução sociológica, em muitos aspectos mais consistente do ponto de vista metodológico que Mito e Verdade.

O conceito de redução sociológica, que lida com as categorias do singular, do nacional e do particular, tendo por objeto o conhecimento do mundo colonial, dependente e subdesenvolvido, foi precedido pelo crítico Araripe Junior, admirador de José de Alencar que escreveu um magnífico livro sobre o poeta Gregório de Matos, considerado por João Carlos Teixeira Gomes prelúdio do revolucionário nacionalismo anti-imperialista na Bahia, berço do folclorista marxista Edison Carneiro, parceiro de Luis da Câmara Cascudo no estudo sobre a Umbanda. Eu já ouvi falar que Edison Carneiro em Salvador era protegido pelas mães de santo quando perseguido pela polícia.

O cearense rabelasiano Araripe Junior antecipou a redução sociológica de Guerreiro Ramos ao analisar a poesia barroca de Gregório de Matos devoto da mulata bahiana. Aí começou a obnubilação brasílica como crítica ao colonialismo. Obnubilatio: termo do latim usado na medicina para designar obscurecimento de visão, percebendo os objetos entre nuvens, pensamento turvado, consciência embotada e sinônimo de estupor. A argúcia linguística e sociológica de Araripe Junior deu outro significado à obnubilação: é quando a metrópole é esquecida e deixa de ser referencia sensitiva e intelectual ao expressar com sentimento e outra linguagem o novo mundo. O oblívio da metrópole é o limiar do processo de descolonização linguística vivenciado pelo poeta Gregório de Matos, que antecede a implacável crítica ao colonialismo feita pelo cinema de Glauber Rocha. Nossa luz é diferente, a Kodak não dá conta, nosso lance não é a ópera, é a feijoada, ele dizia com eloquência desesperada. Do meu amigo Bautista Vidal, o criador do Proálcool, a morte é concebida nos trópicos de maneira diferente em relação ao fim da vida sob o regime da energia fóssil.

No século XVII Gregório de Matos obnubilou-se na terra do sol. Nele o barroco de Quevedo e Gongora ultrapassou o binômio literatura emissora e literatura receptora, conforme mostrou João Carlos Teixeira Gomes, o pena de aço na Cidade do Salvador. É a mesma lógica do indianismo de José de Alencar e sua necessidade histórica, talqualmente a atitude antropofágica de Oswald de Andrade que preconizava na São Paulo do bonde e do cadilac apropriar-se das qualidades do inimigo colonial, fazendo menção ao primeiro bispo do Brasil de nome Sardinha devorado pelos índios. Meu saudoso amigo Bautista Vidal, o iracundo da física, divertia-se ao ouvir que lampião vociferava na caatinga: “se pedir perdão eu mato”.

A redução sociológica, traduzida em termos culinários, significa tratar e apurar o paladar, ou seja, o que devemos comer, o que devemos assimilar de outros povos, à semelhança

das permutas folclóricas realçadas por Luis da Câmara Cascudo. O frango veio da Europa, o quiabo da África, o mineiro seguiu a dica de Oswald de Andrade: misturou o frango com quiabo. Mais que mistura, síntese.

Haroldo de Campos chamou a atenção para as afinidades entre a redução sociológica de Guerreiro Ramos e o roteiro antropofágico de Oswald de Andrade. O interessante é que a metáfora “sociologia enlatada” designa o que vem pronto do estrangeiro, a sociologia enfiada dentro da lata que vê o país pela teoria e não a teoria segundo a realidade do país, diria o argentino peronista Arturo Jauretche, a quem Domingo Perón consultava amiúde em Buenos Aires.

A direita, que em princípio não é contra o fetiche da singularidade, tem horror de tudo o que se origina daqui. É por isso que a nossa rede de dormir nunca aparece no palácio planalto.

Em seu livro *A Lanterna na Popa* o vendepátria Roberto Campos estigmatizou a mandioca por nos predispor ao atraso, afinal a mandioca dá fácil, incita ao vício da preguiça, dispensa a austeridade exigida pelo FMI. Eis aí um assunto para a psicanálise do caboclo colonizado: o fato de Roberto Campos ter vindo ao mundo em Mato Grosso.

A influência estrangeira não impede que a literatura de seja nacional. O prisma analítico pode ser os olhos e as nuvens como na obnubilação de Araripe Junior, o ver com os olhos livres de Oswald de Andrade, o paladar em Luis da Câmara Cascudo informando que Montaigne comeu a mandioca indígena no século XVI. Engels chegou a tomar conhecimento da língua portuguesa, Marx era afeiçoado aos estudos etnológicos, e tenho cá minhas dúvidas se a ele teria passado despercebido o valor de uso da rede de dormir.

Nada há de mais dialético que o nacionalismo hegeliano e marxista de Álvaro Vieira Pinto. O geólogo Marcelo Guimarães insistia na distinção entre a ficção nuclear e o sol como reator natural dos trópicos. Por que não falar então em redução cósmica abaixo do Equador depois do acaso do petróleo?

Que não seja olvidado o historiador Nelson Werneck Sodré com o conceito de transplantação cultural alertando para o que há de mimético e postiço na dependência a partir de 1822. Sem descuidar, como salientou João Carlos Teixeira Gomes, o amigo e biógrafo de Glauber Rocha, que nossa literatura não poderia ser autóctone. Destarte, saliente-se quanto Darcy Ribeiro tinha gosto em dizer que nosso povo era povo novo, à semelhança de Glauber Rocha no tocante ao novo cinematógrafo a lembrar que o Brasil começa onde acaba a terra.

A partir dos finais do século XIX o que está posto como desafio é a questão do marxismo nas latitudes extra-européias do mundo. E é isso o que vemos no livro de Guerreiro

Ramos escrito depois da experiência cubana: não se trata de outra revolução senão a socialista. Ideia filosófica que seja revolucionária não pode ser senão proveniente de Marx e Engels. O mito no título do livro de Guerreiro Ramos tem inequívoco sentido pejorativo, ou seja, mito é falsidade, irracionalismo. Discurso mistificador sobre a revolução no Brasil é a combinação de “marxismo russo” e “marxismo leninismo”.

O livro é confuso demais e repleto de superficialidades e equívocos. Leon Trótski é apresentado como lukacsiano, Lukács como trotskysta, Lukacs é um autor “miolo mole” que escreveu *A Destruição da Razão*, Marx é deformado pelos bolcheviques, a dialética de Engels é tida por magia, a ideia de partido é um estorvo à consciência da classe operária, Marx nutria antipatia pela Rússia, os revolucionários russos padeciam de impulso messiânico, os bolcheviques (afinal, Lenin e Trótski não o foram?) são rotulados de um “bando mundial de rinocerontes”, Lenin é antípoda de Marx, pois este valorizou o elemento espontâneo no movimento operário. Esta frase absolutamente não condiz com quem leu Marx e Engels: “o socialismo não se realizará nunca”.

Não nos deparamos com nenhuma análise da revolução de 17, mas com sandice. “É o mesmo Trótski quem testemunhou o caráter aventureiro da revolução bolchevique”. A propósito do stalinismo, que é um dos assuntos mais complexos do século XX, nada há de substantivo. Surge insistentemente a formulação acerca da União Soviética como “capitalismo de Estado”, refutada por Trótski em vários artigos e livros, embora cite amiúde Boris Souvarine expulso do partido comunista francês em 1924 por defender Trótski. Este não é abordado quanto à interação entre a divisão mundial do trabalho e o socialismo stalinista em um só país. Sem aprofundar essa questão (o proletariado russo chegou primeiro ao poder em 1917, mas isso não significa que realizará primeiro o socialismo), não se compreende o caráter servil dos partidos comunistas subalternos ao Kremlin stalinista. E isso não foi feito por Guerreiro Ramos que não distingue com nitidez o que é marxismo e o que é burocracia stalinista. Em seu ecletismo conceitual e anacolutia retórica coloca no mesmo plano o stalinismo e o fascismo, dois fenômenos que têm diferentes bases sociais e de classe.

Em um dos capítulos lê-se a epígrafe infeliz e reacionária de Sidney Hook: “Culturally, leninism must be renegade in the light of it’s development, as the first fascist movement of the twentieth century”. Guerreiro Ramos, culto e muito lido, discorreu até sobre cibernética, estava por dentro do que se publicava nas ciências sociais em línguas estrangeiras, mas isso não basta para considerá-lo um intelectual revolucionário; destarte, ele mesmo não se dizia marxista e não tinha menor simpatia pelo marxólogo, o “connoisseur” acadêmico de Marx.

E quanto à prata da casa? Tinha horror do que era oficial, e não era afeiçoado a partido, inclusive o de classe operária. Filiou-se ao PTB, deputado suplente de Leonel Brizola, líder trabalhista não marxista, e sim “populista”, elogiado por organizar a campanha da legalidade em 1961, acontecimento de memória esmaecida e pouquíssimo referido na bibliografia histórica. Convém sublinhar que o livro de Guerreiro Ramos é dedicado a Getulio Vargas, e o detalhe é que não demonizou o Estado Novo. Elogia a capacidade insurrecional de Leonel Brizola, virtude essa que é imprescindível no processo revolucionário. Repudia Janio Quadros, adversário de Henrique Teixeira Lott, preferindo o gaúcho americanófilo Oswald Aranha que acabou nadando nas águas do sionismo.

Subjacente à crítica ao traço totalitário da organização, tema tão caro aos frankfurtianos como Hebert Marcuse e Theodor Adorno durante a década de 50, existe em Guerreiro Ramos um desencanto (para não dizer pessimismo) quanto à capacidade revolucionária da classe operária. Nunca pergunta o que é ser operário no Brasil, e sabemos que as classes sociais não podem ser omitidas na revolução, ou seja, as classes são os sujeitos históricos do processo revolucionário. Releva não deslembrar que a investigação sobre as classes sociais não era alheia aos intelectuais vinculados ao ISEB como Nelson Werneck Sodré, Álvaro Vieira Pinto e Roland Corbisier.

A argúcia situada mais no plano epistemológico que ontológico A Redução Sociológica (“meu interesse no problema da utilização criadora do patrimônio cultural e teórico estrangeiro”) não aprofunda a estratificação das classes com o escopo de captar a totalidade sócio-cultural de um país com passado colonial e escravista. O que sobressai como mérito inegável em sua redução sociológica é separar a essência da aparência nos fenômenos sociais (trazer à tona o que é determinante e o que é determinado), investigando as permutas culturais entre os países, principalmente a interação das metrópoles com as colônias.

Antes de Guerreiro Ramos a disciplina do folclore, fundada no Brasil com Silvio Romero e General Couto de Magalhães, a que se seguiram Leonardo Mota, Mário de Andrade, Edison Carneiro, Luis da Câmara Cascudo entre outros, ficou atenta à maneira como se dá esse contacto (o sertão e o mundo, no dizer de Gustavo Barroso), o que veio de outros países com o amanhecer do Brasil na história, e que não se circunscreve ao âmbito dos efeitos de dominação da classe consular. Atenção: o folclore (sinônimo às vezes de cultura popular) não pode ser considerado mero reflexo da ideologia dominante da classe social dominante. O lobbisomem não é oligarca, tampouco o Sacy Pererê compartilha do ideário neoliberal de Wall Street. O folclore, “lore” do povo, não foi objeto da redução sociológica de Guerreiro Ramos, que focalizou a invenção criativa na assimilação do estrangeiro ou a cópia que deforma a

compreensão da nossa realidade, e nesse aspecto até a teoria dialética da história pode vir a desempenhar função colonizadora.

O aspecto mais problemático da redução sociológica situa-se na esfera política: que tipo de revolução é a brasileira? Popular, nacionalista, bolivariana? Lembro Leon Trótski: o termo revolução proletária substituída por “revolução popular” foi um truque linguístico bolido pela burocracia stalinista. É claro que em qualquer latitude geográfica, país central ou periférico, não é fácil topar com uma teoria marxista da revolução. O tema mais frequente das ciências sociais na segunda metade do século XX tem sido o do enfraquecimento dos agentes revolucionários, como se a classe operária tivesse sido cooptada inteiramente pelo capitalismo. Todos os marxistas verdadeiramente marxistas são unânimes em afirmar que o imperialismo está putrefato, a revolução proletária é necessária, ainda que não inevitável.

Sob o ângulo da redução sociológica a categoria superexploração do trabalho, elaborada por Ruy Mauro Marini, é uma notável incorporação da teoria de Marx para explicar a particularidade da acumulação de capital nas regiões subdesenvolvidas, o que não quer dizer, no entanto que não haja superexploração do trabalho nas sociedades desenvolvidas. É possível a compreensão da totalidade da sociedade brasileira relevando a função primordial da força de trabalho superexplorada, todavia a não se deduza daí uma teoria marxista da revolução socialista. As diatribes de Guerreiro Ramos ironizam o esforço de refletir sobre o processo revolucionário como uma “jornada de otários”, uma inútil caminhada de parvos macaqueando teorias importadas.

Gunder Frank colocou o incontornável dilema na lúcida disjuntiva: subdesenvolvimento capitalista ou revolução socialista, que não é senão outra maneira de mostrar o “desenvolvimento do subdesenvolvimento”. Há que se reconhecer no entanto que até o seu último livro *Reorient* não se depara com uma teoria da revolução socialista baseada nas classes sociais.

E o que fazer na política implica em saber como se dá a luta de classes; noutras palavras, como a classe operária se interage com as outras classes sociais e o que daí resulta na fisionomia dos partidos políticos e no parlamento. Nada disso aparece no livro de Guerreiro Ramos, apenas que o Brasil vive “situação revolucionária”, mas não é feita a distinção entre esquerda e direita. Não são poucos os intelectuais conservadores prezados por ele, Oswaldo Aranha, Virgílio de Melo Franco, San Tiago Dantas e Joaquim Nabuco. O “otário” é entendido como aquele que quer fazer a revolução na seqüência da internacionalização do país. Essa “revolução” não deve ser soviética, nem chinesa, nem cubana, e nunca é definida.

Minha impressão é que nesse livro Guerreiro Ramos é inteiramente anti-marxista. Ademais, é anti-leninista porquanto o imperialismo, a última etapa do capitalismo, não surge como a causa determinante do processo drenador de mais-valia para o exterior.

O pior capítulo é o último, o mais contraditório, o mais anfibológico na linguagem que se contradiz com o que havia defendido em *A Redução Sociológica*. Ataca deselegante e equivocadamente seu colega de ISEB, o filósofo Álvaro Vieira Pinto, tachando-o de guerreão por incitar a “guerra filosófica” entre os países subdesenvolvidos e os seus colonizadores. Guerra filosófica não é senão o reflexo no pensamento da luta de classes, que deve ser evitada pelo filosoficamente afável e pacifista Guerreiro Ramos, não obstante levar esse viril e combativo nome em sua carteira de identidade.

O título do capítulo (“A filosofia do guerreiro sem senso de humor”) é de um mal gosto a toda prova. Ter juntado humorismo com luta de classes - este foi o grande pecado de seu jovem colega do ISEB tratado como se fosse néscio de Hegel, pois quem de fato sacava o filósofo alemão era ele, Guerreiro, sabedor do idioma tedesco e que teria deglutido no curto prazo de dois anos (de 1958 a 1960) todas as categorias de que se valeu o aprendiz Álvaro Vieira Pinto em seu *Consciência e Realidade Nacional*. Há que se ter em mira que na verdade os dois maiores entendidos de Hegel entre nós eram Roland Corbisier e Álvaro Vieira Pinto, e que colocaram em primeiro plano o conflito nação versus imperialismo. Álvaro Vieira Pinto desmistificou dialéticamente o desenvolvimentismo de ontem e de hoje: “para desenvolver é preciso ser desenvolvido”.

A vaidade intelectual é uma flor bonecosa cultuada pela sociologia subdesenvolvida, como mostrou Gunder Frank; todavia eu fiquei absolutamente pasmo com o jeito casca grossa de Guerreiro Ramos. O seu colega era uma figura tímida, psicologicamente frágil e recolhida, conforme o seu destino entre o exílio e o suicídio depois do golpe de 64.

Na época em que Guerreiro Ramos escreveu seu livro sobre o mito da revolução brasileira, identificando as teses do ISEB com as do partidão, à semelhança da direita lacerdista no Rio de Janeiro, Álvaro Vieira Pinto era diretor do ISEB, o brinquedo que tiraram das mãos de Guerreiro Ramos. Somente por aí é que se explica o vacilo de achar que seu colega cochilou na leitura de Hegel sem entender o conceito de “mediação”. Ora, esse conceito não lhe caiu de súbito do céu quando escreveu *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*, *Por Que os Ricos não Fazem Greve* e o estupendo (talvez único na literatura marxista) *O Conceito de Tecnologia*.

De André Moysés Gaio, estudioso da interpretação do Brasil feita pelo historiador marxista Nelson Werneck Sodré, colhemos a informação acerca do ISEB que lança luz na

picuinha contra o nacionalismo “sentimental” de Álvaro Vieira Pinto, nacionalismo considerado de direita que negaria a cosmopolita comunidade humana.

“A campanha contra o ISEB recebia importantes estímulos advindos do interior do próprio instituto, cuja dinâmica interna, segundo o nosso historiador, ressentia-se dos constantes choques entre as vaidades intelectuais de alguns dos seus membros. Um incidente envolvendo Helio Jaguaribe e Guerreiro Ramos, provocado segundo Sodré, pelo último, cujo objetivo era conseguir o cargo de diretor do instituto, causou consideráveis estragos no mesmo, o que resultaria, provocando inúmeras defecções, inclusive dos sociólogos supracitados, enfraquecendo o ISEB e exigindo uma completa reestruturação mesmo, o que redundaria, em um curto prazo, na sua esquerdização, na diminuição drástica da sua fonte de financiamento, tornando-se um alvo fácil para os seus inimigos”.

Guerreiro Ramos ficou mordido com os seus colegas do ISEB e soltou as cachorras em cima de Álvaro Vieira Pinto chamando-o de “provinciano” que separa a nação da humanidade. Álvaro Vieira Pinto ora é encarado como um “eslavo”, justamente ele que nasceu fluminense em Campos dos Goytacazes, ora é um orixá sua consciência nacionalista, espécie de umbanda da filosofia de Hegel a elidir a classe operária no conceito de nação, enfim, um nefelibata, um “doctor seraphius” que vive do “mecenato do Estado”. E para vilipendiá-lo de “anti-operário”, criptoreacionário, solipsista intolerante, Guerreiro Ramos se apóia somente em autores estrangeiros, e não os melhores como o anti-marxista Daniel Bell, autor de *The End of Ideology* cujo livro havia acabado de vir a lume em 1960. Este, sim, livro supimpa, e não o de Álvaro Vieira Pinto “desenvolvimentista”, “positivista” e, pasmem, nazista.

Escreveu Guerreiro Ramos: “Depois de ter sido filósofo tardio do ISEB, tornar-se-à o teórico crepuscular do PCB. É homem de fim de festa”. Errou no crepúsculo e na alvorada, errou no começo e previu mal o acaso. O juízo destrambelhado do sociólogo translada-se de opositor ao eurocentrismo, decorrente da internacionalização da inteligência empacotada, à prosápia abstrata do cidadão do mundo, do homem geral inspirado na filosofia de Kant. De 1954, quando entrou em contato com Nelson Werneck Sodré, até 1960 sua cabeça sociológica não modificou; todavia entrou em conflito (que para ele deve ter sido doloroso) com o ISEB menos por questão político-cultural que burocrático-funcional. Para mim foi esse fator, digamos extra-texto, que explica sua animosidade contra Álvaro Vieira Pinto.

Acredito não ter fundamento algum afirmar que Álvaro Vieira Pinto hipostasia a nação em detrimento da classe social, no caso a classe operária que, segundo Guerreiro Ramos, em 1960 estava politicamente madura para fazer a revolução socialista. Identificados ISEB e PCB como os traidores do proletariado. Entrou no PTB em 1960. Trabalhista e brizolista? Havere-

mos de convir que se brizolista um dia, o foi de maneira fugaz e efêmera. Não o vemos na Carta de Lisboa ou na fundação do PDT, antes de morrer nos EUA, Los Angeles.

O entrevero de Guerreiro Ramos com o ISEB, abstraídas as picuinhas e as baixarias, deve ser entendido como reflexo do drama colonial em que está inserido o intelectual. Drama colonial abrangendo a dependência, o subdesenvolvimento, o domínio imperialista e a luta de classes.

Não somos o país das revoluções burguesas clássicas. Nunca as tivemos e fácil não tem sido (reparem o baldado esforço A Revolução Burguesa de Florestan Fernandes) situar o seu período na história. A revolução burguesa teria começado em 1930 com o impulso industrial. Uma revolução na qual a classe operária ficou ausente, diria Nelson Werneck Sodré, o primeiro intelectual a colocar em pauta a idéia de revolução brasileira, como sublinhou André Moysés Gaio. Revolução burguesa inibida, bloqueada, abortada, coincidindo com o caráter precoce da penetração imperialista em 1870, data do aparecimento do combustível petróleo na economia mundial.

O imperialismo sempre foi o oxigênio da burguesia brasileira, antes mesmo de 1930. O seu caráter integrado, assimilado, amancebado com o poder imperialista nem ocorre somente depois do golpe bandeirante das multinacionais em 1964.

A potência estrangeira que toma conta da renda nacional é indissociável do inimigo de dentro da nação que a entrega. O pênis paulistocêntrico, diria um psicanalista informado pela teoria dialética da dependência, alça vôo e penetra os vários Brasis na medida em que seja enrabado pelo sexo gringo. É esse o sexo civilizador do capital estrangeiro.

A contradição fundamental entre burguesia e proletário se traduz em contradição nacional. Continuar chovendo no molhado é afirmar que o operário não tem pátria, o que não esclarece em nada a luta política na América Latina.

O marxista e peronista Hernández Arregui, que tem muito a ver com o Álvaro Vieira Pinto, contrapondo-se ao internacionalismo abstrato, informou que a pátria é uma realidade histórica que varia consoante as épocas. Álvaro Vieira Pinto não era xenófobo quando apontou o estrangeirismo mental do intelectual nos países subdesenvolvidos, nisso tão parecido com o cinema nacionalista de Glauber Rocha que não deve ser jogado ao mar por não ter filmado a classe operária na Bahia, Rio e Brasília.

Hernández Arregui, baseando-se em Raúl Scalabrini Ortiz na Argentina, sabia da contribuição dada por correntes não marxistas. Luis da Câmara Cascudo não era marxista mas nos legou uma investigação dialética magnífica acerca de como se reproduz o povo brasileiro, esse clássico que sobrevive. O que Guerreiro Ramos não compreendeu em seu furor cosmo-

polita anti-ISEB, embora tivesse sido getulista, é que o hegeliano marxista Álvaro Vieira Pinto que não tinha nada de eclético, estava insurgindo-se contra a colonização pedagógica do imperialismo.

Referências Bibliográficas

- CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- CASCUDO, Luis Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Global, 2010.
- CORBISIER, Roland. **Reforma ou revolução?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2005.
- FRANK, Andre Gunder. **Reorient: Global Economy in the Asian Age**. California: University of California Press, 1998.
- GAIO, André Moysés. **Uma interpretação do Brasil: a obra de Nelson Werneck Sodré**. Curitiba: CEV, 2017.
- GOMES, João Carlos Teixeira. **Glauber Rocha esse vulcão**. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.
- GOMES, João Carlos Teixeira. **Gregório de Matos, o Boca de Brasa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HERNANDEZ, Arrigui. **Imperialismo y cultura**. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2005.
- JUNIOR, Araripe. **Gregório de Mattos**. Rio de Janeiro, [s. n.], 1894.
- LUKÁCS, Georg. **Destruction of Reason**. Londres: Merlin Press, 1980.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Consciência e realidade Nacional**. Rio de Janeiro: Iseb, 1960.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ideologia e desenvolvimento nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da cultura e educação, 1956.
- PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: TB, 1965.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Florianópolis: Editora Insular. Coleção Pátria Grande Volume 6.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A ideologia do colonialismo**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TROTSKI, Leon. **A revolução traída**. Porto Alegre: Globo, 1980.
- TROTSKI, Leon. **Stalin - o grande organizador de derrotas**. São Paulo: Sundermann, 2010.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **A Questão do Folclore no Brasil: do Sincretismo à Xifopagia**. Natal: Edufrn, 2009.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Gunder Frank: o enguiço das ciências sócias**. Florianópolis: Insular, 2014.

VIDAL, José Walter. **O esfacelamento da nação**. Florianópolis: Vozes, 1995.